

Comentário do Gestor

Março foi um mês com intensa volatilidade nos ativos financeiros, após ruínas do Silicon Valley Bank (SVB), do Signature Bank e do Credit Suisse, e discussão sobre o quão restritivo já está o atual nível de juros dos desenvolvidos, principalmente EUA. A quebra do SVB e do Signature Bank foi prontamente respondida pelo Fed, além do FDIC garantir depósitos da instituição, enquanto o Credit Suisse acabou sendo absorvido pelo UBS, com auxílio e garantias do Governo Suíço e SNB (*Swiss National Bank*). As medidas macroprudenciais dirimiram os riscos dos mercados e suscitaram dúvidas quanto à condução das políticas monetárias pelos principais bancos centrais, ressurgindo temores de recessão.

No mês, a curva de juros americana teve um distensionamento, com o vértice de 2 anos fechando de 4,82% para 4,02% e o de 10 anos, de 3,92% para 3,47%. Tal movimento mais intenso na ponta curta infere que o ajuste na curva se deu por menor necessidade de aumento de juros no curto prazo. No mercado de renda fixa, o risco país do Brasil (CDS de 5 anos) se manteve praticamente estável, indo de 232 pb (pontos base) para 229 pb, o *spread* do índice de bonds corporativos da América Latina, compilado pela *Bloomberg*, abriu 36 pb, indo de 417 pb para 453 pb e o *spread* dos títulos americanos de alto rendimento dos EUA (*US High Yield*) ficou estável em 463 pb. O DXY (Dólar Index - cesta de moedas contra do dólar americano) desvalorizou 2,3% e BRL valorizou 3,3%. As bolsas tiveram forte alta durante o mês: Nasdaq de 6,7%, S&P 500 3,5%, enquanto Ibovespa, em direção contrária e guiada por assuntos internos, recuou 2,9% no mês. O *benchmark* de volatilidade do S&P 500 (*VIX*) teve queda, de 20,70 para 18,70.

O petróleo acabou caindo 5% no mês, em linha com temores de recessão após problemas bancários nos países desenvolvidos. Tal cenário turbulento, aliado a uma demanda global mais fraca, fizeram com que o petróleo chegasse nos níveis que o governo americano prometeu comprar, em torno de US\$ 70/barril. Em conjunto, a OPEP anunciou a redução da oferta, o que fez com que as cotações de petróleo subissem, sem pressionar as curvas de juros, que poderiam abrir significativamente por maiores expectativas de inflação.

Nos Estados Unidos, o colapso do SVB foi a grande surpresa, sendo um dos motivos a política monetária mais restritiva do Fed. A ruína do banco levou a uma onda de saques, a qual, em certo momento, não podia mais ser garantida pela instituição. Para suprimir qualquer risco sistêmico, o FDIC (*Federal Deposit Insurance Corporation* – análogo ao FGC no Brasil) garantiu qualquer depósito até US\$ 250 mil, e o Fed agiu de imediato, anunciando uma nova linha de empréstimo de emergência e frisou que está “preparado para lidar com quaisquer pressões de liquidez que possam surgir”. Mesmo com essa crise no sistema bancário, o Fed continuou o roteiro anterior, elevando os juros em 0,25%, em linha com consenso. Do lado da atividade, a inflação vem desacelerando, chegando a 6,0% a/a, enquanto núcleo ficou em 5,5% a/a. Essa dualidade entre política monetária restringindo crédito e atividade, vis-à-vis uma inflação ainda acima da meta, vem produzindo sinais confusos, com uma recessão americana voltando ao radar.

Na Europa, a derrocada do Credit Suisse, que acabou sendo comprado pelo UBS, com auxílio do governo suíço, foi o grande acontecimento. Neste *takeover*, os reguladores permitiram priorizar os acionistas aos detentores de *Additional Tier 1 Bonds*, ou *CoCo bonds*, algo que, em tese, não é o convencional. Apesar dos acionistas serem os últimos em prioridade de recebimento, os reguladores permitiram fazer um *write-off* completo dos *CoCo Bonds* do banco – transformando aproximadamente US\$ 17 bilhões que existiam dessa dívida em pó, enquanto os acionistas receberão ações do UBS equivalentes a US\$ 3,2 bilhões. Assim, a classe de *CoCo bonds* tiveram uma performance muito ruim no mês, incluindo os do Itaú e Banco do Brasil. Sobre política monetária, assim como nos EUA, mesmo com possível crise no setor bancário, o BCE e *Swiss National Bank* continuaram o processo de elevação de juros, sem alteração de rumo, mantendo discurso de combate à inflação.

Já na China, com menor restrição de mobilidade, apoio do Governo para empresas *tech* e imobiliárias, os dados de atividade continuam a surpreender positivamente, principalmente os *PMIs* de serviços, que estão nas máximas históricas, registrando 58,2 pontos em março, frente a um consenso de 55,0 pontos.

No Brasil, o arcabouço fiscal foi finalmente anunciado, ainda pendente de mais detalhes, não respondendo todas as dúvidas do mercado. Do apresentado inicialmente, propõe limitação de despesas a 70% da arrecadação e é calcado em um ajuste de longo prazo. A primeira impressão do mercado foi positiva (ou menos pior do que o temido), por despesas crescerem menos que receita, porém, ao digerir a informação, entendeu-se que seria necessário um ajuste de R\$ 100-150 bi para que a estimativa de déficit para 2023 anunciada pelo arcabouço fosse cumprida. Além disso, o ajuste tem foco em reonerações e correção de distorções tributárias, pretendendo diminuir o déficit via aumento de arrecadação, e não em corte de despesas, o que seria mais saudável. Assim, a conclusão final é que o ajuste é parcimonioso, se faz necessário um crescimento de PIB acima de 1,5% para o superávit ser suficiente para estabilizar a dívida, e que carece de detalhes sobre as medidas factíveis para corrigir esse buraco.

Desempenho do fundo

O fundo teve rentabilidade de 0,43% no mês, ante CDI de 1,17%. Nos últimos 12 meses, o fundo valorizou 9,76%, contra um CDI de 13,28%, equivalente a 74% do CDI. A volatilidade para esse mesmo período ficou em 4,27%. O fundo está com sua *duration* consolidada em 5,0 anos e uma carteira de *bonds* com *yield* médio de 8,44% em dólares. As maiores posições do fundo são: Brasil (soberano), Banco do Brasil, Cosan, Suzano e Tupy.

Salientamos que o fundo está bem posicionado para enfrentar os desafios de curto e médio prazos e que nossa gestão continua especialmente ativa, pronta para agir caso o cenário corrente se desvie de nossas expectativas de mercado.



OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante Crédito Privado FIC FIM IE prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu patrimônio líquido nas cotas do Fundo Master (Octante Crédito Privado Master FIM IE), que tem como objetivo buscar rendimentos superiores a 100% da variação do CDI no longo prazo, através do investimento em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

Retornos mensais	Fundo	CDI	%CDI
Desde o início	445,30%	231,42%	192%
Últimos 12 meses	9,76%	13,28%	74%
mar-23	0,43%	1,17%	37%
fev-23	-1,34%	0,92%	-
jan-23	1,27%	1,12%	113%
dez-22	1,53%	1,12%	137%
nov-22	3,73%	1,02%	366%
out-22	1,89%	1,02%	185%
set-22	-2,29%	1,07%	-
ago-22	1,81%	1,17%	155%
jul-22	3,00%	1,03%	291%
jun-22	-1,61%	1,01%	-
mai-22	0,87%	1,03%	84%
abr-22	0,25%	0,83%	30%

Retornos anuais	Fundo	CDI	%CDI
2023	0,34%	3,25%	11%
2022	14,54%	12,37%	118%
2021	4,34%	4,40%	99%
2020	9,20%	2,77%	332%
2019	19,12%	5,97%	320%
2018	10,12%	6,42%	158%
2017	15,70%	9,95%	158%
2016	37,90%	14,00%	271%
2015	4,25%	13,23%	32%
2014	13,98%	10,81%	129%
2013	2,79%	8,05%	35%
2012	17,40%	8,41%	207%
2011	17,15%	11,59%	148%
2010	14,38%	9,74%	148%
2009*	3,73%	4,64%	80%

*desde 17/06/2009

INFORMAÇÕES GERAIS

Investimento Mínimo	R\$ 5.000,00
Movimentação Mínima	R\$ 1.000,00
Taxa de Administração*	1,50% ao ano
Taxa de Performance	20% do que exceder 100% do CDI
Classificação Anbima	Multimercados Investimento no Exterior
Horário limite para aplicação	14:00 horas
Cota do Resgate	D+15 dias corridos
Pagamento do Resgate	D+2 da cotização
Banco	Itaú Unibanco (341)
Agência	8541
Conta	37445-3
CNPJ	09.577.092/0001-41
Favorecido	Octante Crédito Privado FIC FIM IE
Gestor	Octante Gestão de Recursos Ltda
Administrador	INTRAG
Custodiante	Banco Itaú S.A.
Auditor	PWC
ISIN	BROCTACTF005

*Taxa de administração total de 1,50% a.a., sendo 1,00% a.a. incidente sobre os investimentos no Octante Crédito Privado FIC FIM IE, acrescido de 0,50% incidente sobre os investimentos do Octante Crédito Privado FIC FIM IE no Octante Crédito Privado Master FIM IE

As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FCC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.

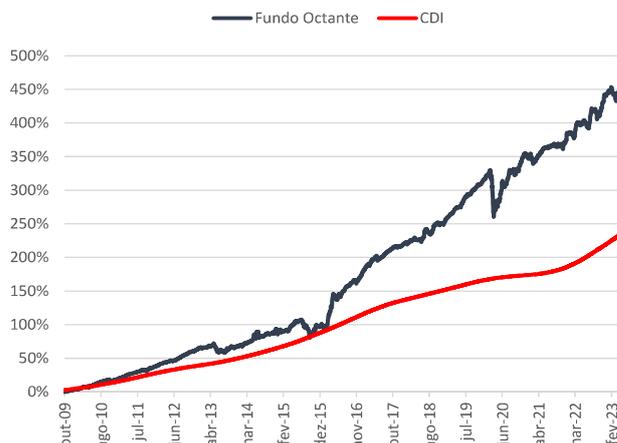
PÚBLICO ALVO

O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

ESTATÍSTICAS DO FUNDO

% de Meses de Retorno Positivo	83,1%
% de Meses de Retorno Negativo	16,9%
Volatilidade no Mês (Anualizada)	5,73%
Volatilidade 12 Meses (Anualizada)	4,27%
Índice Sharpe 12 meses	-0,82
Valor da Cota em 31 de março de 2023	5.462,43
PL em 31 de março de 2023	44.034.108
PL Médio (12 meses)	42.319.991
PL do Master em 31 de março de 2023	112.151.704
Current Yield da Carteira de Bonds em USD	8,44%
Duration Média Consolidada	5,0 anos

RENTABILIDADE HISTÓRICA



COMPOSIÇÃO POR PAÍS



COMPOSIÇÃO SETORIAL

